

PERSPECTIVAS DE PESQUISA EM TRADUÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UNESP

Cristina Carneiro Rodrigues
UNESP - São José do Rio Preto

Falar sobre “perspectivas de pesquisa” tanto pode remeter a um panorama do que se faz na área quanto às expectativas que se tem em relação à pesquisa, ou seja, a uma projeção dos rumos que se prevê ou se deseja que ela tome. Mas “perspectiva” também tem a ver com um determinado ponto de vista, um enfoque que se dá a uma questão. Vou relacionar esses três sentidos neste texto, buscando, primeiro, delinear um quadro geral da pesquisa na área para, posteriormente, enfocar como se dá a pesquisa em tradução na Pós-Graduação da UNESP.

Até o início dos anos 80 a tradução dificilmente era vista como uma área de concentração ou uma linha de pesquisa que pudesse integrar um programa de pós-graduação. Isso não significa, entretanto, que não se produziam dissertações ou teses sobre tradução; a questão é que todos os trabalhos defendidos o eram como integrantes de outras linhas de pesquisa, em Programas de Estudos Literários ou Lingüísticos. O estudo da tradução era considerado tão marginal que era possível produzir e defender um trabalho sobre tradução sem se ter cursado uma disciplina da área.

A inserção da tradução até mesmo na graduação era mais ou menos duvidosa, tanto no Brasil como no mundo. Lefevere (1981) chega a dizer que, até essa época, nas Universidades de muitos países da Europa Ocidental os estudos literários estariam entre os ditos “cursos sérios”, “enquanto se ensinava tradução em instituições especializadas que também formavam esteticistas, cozinheiros e secretários” (p.46). A situação não era muito diferente no Brasil, pois eram pouquíssimos os cursos universitários de tradução, mas era possível encontrar colégios técnicos que, supostamente, formavam tradutores. Teorias normativas prevaleciam e a concepção de que a tradução era o mero transporte de significados equivalentes dominava. Esse panorama não era permissor para pesquisa pois, se o tradutor é o mero encarregado do transporte dos significados de um texto, se o que se busca são regras para bem traduzir, a tradução não se configura como uma área de pesquisa de fato. Conseqüentemente, a instrução específica é considerada simples, não sendo necessário formar pessoal especializado, nem para sua prática, nem para seu ensino.

A partir do início dos anos 80 delinea-se uma mudança nesse panorama. Tradutores e pesquisadores mostram-se insatisfeitos com os rumos que seguem os estudos de tradução e buscam tratar da questão por outros prismas. Duas abordagens se fortalecem nos anos 80. Por um lado, pesquisas que buscam descrever as traduções como elas se apresentam, sem tentar formular regras nem apontar acertos e desacertos de tradutores. Por outro lado, reflexões comprometidas com a pós-modernidade, que não concebem o significado como estável e transportável pela tradução. O que ambas as perspectivas têm em comum é considerar que não há neutralidade na tradução, que nela está em jogo o poder entre culturas e que não há como produzir um conjunto de regras que determine como fazer uma boa tradução.

Aos poucos, o panorama da tradução começa a mudar, tanto no cenário mundial quanto no brasileiro. No Brasil, o ano de 1986 é um marco para a pesquisa em tradução. Esse ano assinala o início de seu reconhecimento institucional, pois a tradução passa a fazer parte dos vinte e um grupos de trabalho da ANPOLL, o que proporciona um espaço acadêmico para o intercâmbio entre os pesquisadores da área. É nesse mesmo ano que a tradução se insere como área de concentração, pela primeira vez no Brasil, no Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da UNICAMP, em Campinas. Esses dois fatos são fundamentais para demarcar um lugar para a tradução na instituição acadêmica e iniciar o

processo de levar a tradução a deixar de ocupar um espaço marginal em relação à pesquisa que se desenvolve nas áreas de Letras e de Linguística no Brasil.

Ainda que se verifique, no início dos anos 90, que a tradução se insere, no máximo, como linha de pesquisa em grande parte dos Programas de Pós-Graduação, constata-se que se torna “cada vez mais rara a visão da tradução como atividade que prescinde de reflexão e pesquisa” (Frota et al., p.69). Multiplicam-se os cursos de graduação para formação de tradutores, desenvolvem-se as pesquisas e criam-se frentes institucionais que congregam tradutores e estudiosos da tradução. O fomento à pesquisa leva ao lançamento de livros e revistas sobre tradução

Reconhece-se, enfim, que a tradução é atividade fundamental à história de um povo e, como qualquer outra prática humana, necessariamente relacionada a diferentes ideologias e a interesses políticos. Admite-se o fato de que a tradução não pode ser igual ao texto de partida, ou seja, o fato de o texto traduzido ser “outro”, em um outro contexto, mantendo outras relações com outros textos, em outra cultura.

Esse reconhecimento não só gera a necessidade de se conhecer mais sobre a tradução como também a de se formar melhores tradutores e, conseqüentemente, a de formar docentes que propiciem essa formação. Assim, o aumento do número de cursos de graduação para formar tradutores, gera a necessidade de oferecimento de cursos de pós-graduação. Nos anos 90 encontram-se vários programas de pós-graduação em que a tradução se insere como área de concentração ou como uma linha de pesquisa e há disciplinas específicas que o aluno tem que cursar. Paulatinamente dilui-se a idéia de marginalidade e de pesquisa menos séria.

Na UNESP há apenas um Programa de pós-graduação em que a tradução se insere como linha de pesquisa. Trata-se do Programa de Mestrado em Estudos Linguísticos do Câmpus de São José do Rio Preto. Nessa mesma unidade da UNESP há o único curso de graduação para formar tradutores em uma Universidade pública no Estado de São Paulo. Apesar de o Curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor ter sido implantado em 1978, é apenas em 1998 que o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos inicia suas atividades. São quatro os pesquisadores que trabalham na linha de pesquisa Estudos da Tradução. Diva Cardoso de Camargo, Marcos Antonio Siscar, Gentil de Faria e Cristina Carneiro Rodrigues. Apenas uma dissertação foi defendida no Programa, a de Érika N. A. Stupiello, intitulada “Implicações teóricas para a tradução do discurso legal”, em 2001. Outros quatro trabalhos estão em andamento: o de Maristela Cury Sarian, “A sociolinguística do texto literário traduzido”, o de Lauro Maia Amorim, “Tradução e adaptação: entre a identidade e a diferença, os limites da transgressão”, o de Renata Cristina Mazziero, “*Quarto de despejo* em inglês americano: um estudo em tradução de dialetos sob a ótica pós-moderna de teoria da tradução”, orientados por Cristina Carneiro Rodrigues; e o de Patrícia Dias Reis, “A tradução em resumos/*abstracts* na área de ciências da saúde”, orientado por Diva Cardoso de Camargo. Pelo menos duas disciplinas de tradução são oferecidas anualmente pelos docentes do Programa.

Como em outras Universidades, na UNESP também há a possibilidade de se produzir uma dissertação ou tese sobre tradução em outro Programa que não contemple a tradução como linha específica. No caso do Câmpus de São José do Rio Preto, há o Programa de Pós-Graduação em Letras em que atuam Diva Cardoso de Camargo, Marcos Antonio Siscar, Gentil de Faria. Diva Cardoso de Camargo orientou a dissertação de Renata Gomes Roncaratti “As modalidades de tradução aplicadas ao conto ‘The cask of amontillado’, de Edgar Allan Poe, defendida em 2001. Três outros trabalhos estão em andamento sob sua orientação: o de Guy Eduardo de Hollanda, “*Luta incerta*: tradução de Steinbeck no Brasil”, o de Maria Aparecida Munhoz de Omena, “A margens de literalidade e de individualidade no conto ‘Os laços de família’, de Clarice Lispector, na tradução para o

inglês e para o espanhol” e o de Elizabeth de Fátima Amorim, “*Cais da Sagração* e sua tradução para o inglês”.

Marcos Antonio Siscar, que desenvolve pesquisa na área de teoria literária relacionada à reflexão pós-moderna, orientou a dissertação de Maria Emília P. Chanut, “*A prova do estrangeiro* - tradução comentada de *L'épreuve de l'étranger* de Antoine Berman”, em 2001. Sob a orientação de Gentil de Faria, que desenvolve pesquisa na área de literatura comparada, Ofir Bergemann de Aguiar defendeu, em 1997, a tese intitulada “Uma reescritura de *Os miseráveis*”. Esse professor orienta, ainda, uma tese de doutorado, de Pedro Alberice de Souza, sobre o tradutor Monteiro Lobato, e uma dissertação de mestrado, de Jovelina Zampeiro, sobre Graciliano Ramos, tradutor de Camus.

Em outros dois câmpus da UNESP os Programas de Pós-Graduação também abrem espaço para a tradução. No Câmpus de Assis, Tradução Literária é uma linha de pesquisa, assim como Tradutologia: Teoria e Prática, ambas do Programa de Pós-Graduação em Letras. No Câmpus de Araraquara o espaço da tradução é secundário, não se configurando como linha de pesquisa. Nesses dois câmpus, entretanto, oferta de cursos específicos é limitada.

Ainda que seja possível, na UNESP, a defesa de uma tese ou de uma dissertação sobre tradução sem uma formação específica, para o futuro as perspectivas são de que a situação mude. Essa expectativa se relaciona ao próprio aumento de possibilidades de escolha de Programas de Pós-Graduação especificamente na área, possibilidade que se abre em várias regiões do Brasil, como mostram os debates ocorridos no XV Encontro Nacional da ANPOLL.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FROTA, Maria Paula; MARTINS, Marcia A. P.; RODRIGUES, Cristina C. Um breve histórico do GT de Tradução e sua importância para o desenvolvimento da área em nosso país. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 67-70, 1995.

LEFEVERE, André. On “literary” and “translation”. *Poetics Today*, v.2, n.4, 39-50, 1981.